





DIAGRAMA

No último semestre, os temas EXPERIÊNCIA e ESPAÇO PÚBLICO foram os principais tópicos abordados pelo Grupo de Estudos Teóricos da Pesquisa (PRONEM). A partir da leitura dos textos de HANNAH ARENDT “As esferas pública e privada”, GIORGIO AGAMBEN “INFÂNCIA E HISTÓRIA: ENSAIO SOBRE A DESTRUIÇÃO DA EXPERIÊNCIA” e WALTER BENJAMIN “EXPERIÊNCIA E POBREZA”, e do registro de calorosos debates gerados apresenta-se, aqui, uma edição textual composta de três narrativas-base. As inúmeras narrativas resultantes possibilitam uma composição momentânea que se propõe a trabalhar sobreposições, articulando falas e escritos selecionados; recortes que permitam revelar lacunas, brechas, descompassos espaço-temporais, e que se encadeiam à medida que as narrativas constituem movimentos embaralhados e de sequencia rizomática. O **DIAGRAMA** delineia, portanto, um debate aberto e que, além de permitir um panorama e uma conversa especialmente entre os três autores acima citados, proporciona flashes não sequenciais de um instante mutável. Se embaralhados por outras mãos, estes “polilóquios” ou “multiálogos”, por assim dizer, certamente seriam outros, com ênfases conjuntivas distintas e, assim curados, se apresentariam de outra maneira, criando ainda outros processos narrativos.

FERNANDO FERRAZ: O comum se efetiva pelo lugar do discurso – que é a perspectiva. É o **comum** que se produz a **singularidade** e a excelência. É da ordem daquilo que fica (imortalidade); a família morre. O comum é o lugar da **virtus**, da areteia, da excelência, e não a intimidade. A intimidade como um recuo ao excesso do mesmo, que se dá na **esfera do social**.

HANNAH ARENDT: Segundo Coulanges, todas as palavras gregas e latinas que exprimem algum tipo de **governo** de um homem sobre os outros, como *rex*, *pater*, *anax*, *basileus*, referiam-se originalmente a relações familiares e eram nomes que os escravos davam a seus senhores. [...] A esfera da *polis*, ao contrário, era a esfera da liberdade, e se havia uma relação entre essas duas esferas era que a vitória sobre as necessidades da vida em família constitui a condição natural para a liberdade na *polis*. [...] O que todos os filósofos gregos tinham certo, por mais que se opusessem à vida na *polis*, é que a **liberdade** situa-se exclusivamente na **esfera política**; que a necessidade é primordialmente um fenômeno pré-político, característico da organização do lar privado; e que a força e a violência são justificadas nesta última esfera por serem os únicos meios de vencer a necessidade – por exemplo, subjugando os escravos para alcançar a liberdade. [...] A violência é o ato **pré-político** de libertar-se da necessidade da vida para conquistar a liberdade no mundo.

FERNANDO FERRAZ: Esta é uma visão recorrente sobre o trabalho de Arendt, que é caracterizada como uma aristocrata da política, uma interpretação “lugar comum” sobre a autora. Pois o referente grego é questionado, já que grande parte das pessoas que viviam em Atenas sequer participava da vida pública.

HANNAH ARENDT: O desaparecimento do **abismo** que os antigos tinham que transpor diariamente a fim de transcender a estreita esfera da família e ascender à **esfera política** é fenômeno essencialmente moderno. Esse abismo entre o privado e o público ainda existia de certa forma na Idade Média, embora houvesse perdido muito da sua importância e mudado inteiramente de localização. [...] Desde o advento da sociedade, desde a admissão das atividades caseiras e da economia doméstica à esfera pública, a nova esfera tem-se caracterizado principalmente por uma irresistível tendência de crescer, de devorar as esferas mais antigas do político e do privado, bem como a esfera mais recente da intimidade. [...]

CACÁ FONSECA: Na passagem de Arendt que fala do caráter “acirradamente agonístico” da esfera pública aparece a ideia de público como produção da diferença, único lugar reservado à individualidade, onde todos poderiam mostrar o que eram. Mas coloca um contraponto: diante da primazia da individualidade, como fica a constituição do comum

ADALBERTO VILELA: No espaço da internet, na rede, ou dispositivo como Fernando sugeriu, a **escuta** é a possibilidade de escolher os caminhos, de entrar e sair dos lugares onde as pessoas disponibilizam a informação.

THAIS PORTELA: O lugar do discurso na *polis* era fundamental, o lugar da fala, mas principalmente o da escuta. Quando algum cidadão assumia o lugar da fala e não se afirmava efetivamente enquanto uma individualidade que merecesse escuta, os demais tampavam os ouvidos para não escutá-lo. E neste sentido, questiona a aproximação das redes sociais com a esfera

CACÁ FONSECA: A noção de **experiência como mistério** coloca um impasse com o pensamento de Arendt e com toda a discussão de público e de comum que estamos estabelecendo aqui: Como é possível construir politicamente uma experiência na esfera pública, se este é um mistério? O mistério estaria na esfera do íntimo (conceito trazido por Arendt)? O mistério não é o sujeito de todo o pensamento?

GUSTAVO CHAVES: Mas o mistério é compartilhável. A morte é um mistério, e a gente compartilha. Se a experiência é historicizante, não pode ser individual. Pois o individual não poderia fazer história. Experimentar a cidade não é igual a conhecer a cidade, não é um método de conhecimento. A ideia de experiência enquanto mistério, como colocada por Agamben talvez signifique uma incompatibilidade entre este autor e o que buscamos.

FABIANA BRITTO: Considero muito simplória a associação direta entre esfera pública e as redes, pois tal mecanismo de não acessar conteúdos não tem nenhuma correspondência com o embate entre discurso e escuta relatado por Arendt. Internet não é o espaço do debate, é um dispositivo de exposição. Entendo que **sem o debate não há esfera pública**.

GIORGIO AGAMBEN: Todo discurso sobre a experiência deve partir atualmente da constatação de que ela não é mais algo que ainda nos seja dado fazer. Pois, assim como foi privado de sua biografia, o homem contemporâneo foi expropriado de sua experiência: aliás, a incapacidade de fazer e transmitir experiências talvez seja um dos poucos dados certos de

FERNANDO FERRAZ: Talvez, mais do que uma preocupação de como tornar público a experiência, as nossas metodologias deveriam se

HANNAH ARENDT: A palhina originariamente de ago com a expressão ta círculo e de que *orbis*. E a relação na que, originariamente, o *zum*, sign

CACÁ FONSECA: Entendo que temos alguns problemas para nos apropriarmos das noções de Arendt em função da diferença de contextos. No inicio do texto, a autora dá especial atenção para a noção de ambiente, enquanto artefato humano. A noção de lei em Roma significava o espaço entre as propriedades, elas sequer poderiam dividir o mesmo muro. A lei é o que ligaria as propriedades, e que constituiria a própria cidade. A lei não poderia jamais regular a propriedade, que estaria no lugar do próprio. E se observarmos hoje como vivemos nas cidades, não só dividimos o mesmo muro, como a mesma laje. E como fica essa noção de lei e de cidade?

FERNANDO FERRAZ: Sugiro pensar a rede (internet) como um dispositivo técnico, que cria uma esfera oscilante, ora pública, ora privada, ora social (ou ainda da intimidade).

CACÁ FONSECA: Penso numa imbricação dos processos, tal como a atual pesquisa do Laboratório Urbano propõe – privatização do espaço público – e também poderíamos dizer de publicização do espaço privado. Nessa imbricação estariam fenômenos das redes sociais *reality shows*?

ICARO VILAÇA: A noção de esfera pública se encontra ligada a uma hegemonia, que é a esfera pública, em que reduzidas as suas possibilidades, a questão da descomplexificação e desaparecimento da alteridade no espaço público e podemos relacionar com a ideia de privatividade (grega) enquanto privação. A privação do outro – que configuraria a própria possibilidade do espaço

HANNAH ARENDT: Esta igualdade moderna, baseada no conformismo inerente à sociedade e que só é possível porque o comportamento substitui a ação como principal forma de relação humana, difere em todos os seus aspectos, da igualdade dos tempos antigos, e especialmente da igualdade da cidade-estado grega. Pertencer aos povos iguais (*homoioi*) significava a permissão de viver entre pares, mas a esfera pública em si, a *polis*, era permeada de um **espírito acirradamente agonístico**: cada homem tinha constantemente que se distinguir de todos os outros, demonstrar, através de feitos ou realizações singulares, que era o melhor de todos. Em outras palavras a esfera pública era reservada à individualidade; era o único lugar em que os homens podiam mostrar quem realmente e inconfundivelmente eram.

FABIANA BRITTO: Considero muito simplória a associação direta entre esfera pública e as redes, pois tal mecanismo de não acessar conteúdos não tem nenhuma correspondência com o embate entre discurso e escuta relatado por Arendt. Internet não é o espaço do debate, é um dispositivo de exposição. Entendo que **sem o debate não há esfera pública**.

HANNAH ARENDT: Ser visto e ouvido por outros é importante pelo fato de que todos vêm e ouvem de ângulos diferentes. É este o significado da vida pública, em comparação com a qual até mesmo a mais fecunda e satisfatória vida familiar pode oferecer somente o prolongamento ou a multiplicação de cada indivíduo, com os seus respectivos aspectos e perspectivas. A subjetividade da privatividade pode multiplicar-se e prolongar-se na família; pode até tornar forte que o seu peso é sempre na esfera pública; mas essa vida familiar jamais pode substituir a realidade resultante da total de aspectos apresentados por um objeto a uma multidão de espectadores. Somentem que as coisas podem ser vistas por muitas pessoas, num vasto de aspectos, sem mudar de sorte que os que estão voltando sabem que vêm o

CACÁ FONSECA: A experiência é a dimensão do corpo. Podemos considerar que qualquer corpo humano é passível de ter o mesmo tipo de experiência. O que compartilhamos é o fato de ter um tipo de experiência referenciada no tipo de corpo que temos.

FABIANA BRITTO: Parece que estamos falando em três camadas: primeiramente de seus sujeitos e colocando em seu lugar um único novo sujeito. Pode ser que a revolução da ciência consistiu tanto em uma experiência contra a quanto em referir certa experiência a um sujeito que é que a se torna em ponto arquimônico: o *ego cognitivo*.

SILVANA OLIVEIRA: A experiência pode também ser da ordem do divino, a experiência tradicional [...] mantém-se fiel. Esta é, precisamente, experiência do limite que separa essas duas esferas. Este limite é a morte.

FABIANA BRITTO: Parece que estamos falando em três camadas: primeiramente de seus sujeitos e colocando em seu lugar um único novo sujeito. Pode ser que a revolução da ciência consistiu tanto em uma experiência contra a quanto em referir certa experiência a um sujeito que é que a se torna em ponto arquimônico: o *ego cognitivo*.

GUSTAVO CHAVES: Mas o mistério é compartilhável. A morte é um mistério, e a gente compartilha. Se a experiência é historicizante, não pode ser individual. Pois o individual não poderia fazer história. Experimentar a cidade não é igual a conhecer a cidade, não é um método de conhecimento. A ideia de experiência enquanto mistério, como colocada por Agamben talvez signifique uma incompatibilidade entre este autor e o que buscamos.

FABIANA BRITTO: Considero muito simplória a associação direta entre esfera pública e as redes, pois tal mecanismo de não acessar conteúdos não tem nenhuma correspondência com o embate entre discurso e escuta relatado por Arendt. Internet não é o espaço do debate, é um dispositivo de exposição. Entendo que **sem o debate não há esfera pública**.

GIORGIO AGAMBEN: Todo discurso sobre a experiência deve partir atualmente da constatação de que ela não é mais algo que ainda nos seja dado fazer. Pois, assim como foi privado de sua biografia, o homem contemporâneo foi expropriado de sua experiência: aliás, a incapacidade de fazer e transmitir experiências talvez seja um dos poucos dados certos de

WASHINGTON DRUMMOND: não seja o objetivo, no caso que a experiência é valorizada no sentido de que é algo que é valorizado. É a valorização da experiência no sentido de que isso “não há”. Enquanto que o que é valorizado é o que é experimentado, é o que é colocado na totalidade; e, é o que é total. Somos buscando o que é que seja possível.

FERNANDO FERRAZ: No experimento de Arendt, a *polis* (e nós correspondemos a isso) é o espaço e aceitar o que é que é. Torna-se público. É o momento de repetir o experimento de Arendt, de refazer o que possamos.

ICARO VILAÇA: É fundamental entender esta questão, que é a posição que o sujeito. Na posição que o sujeito. Na posição que o sujeito. Na posição que o sujeito.

HANNAH ARENDT: A palhina originariamente de ago com a expressão ta círculo e de que *orbis*. E a relação na que, originariamente, o *zum*, sign

FABIANA BRITTO: Talvez, mais do que uma preocupação de como tornar público a experiência, as nossas metodologias deveriam se

CACÁ FONSECA: A necessidade – por exemplo, subjugando os escravos – é para alcançar a liberdade. [...] A violência é o ato **pré-político** de libertar-se da necessidade da vida para conquistar a liberdade no mundo.

FERNANDO FERRAZ: Sugiro pensar a rede (internet) como um dispositivo técnico, que cria uma esfera oscilante, ora pública, ora privada, ora social (ou ainda da intimidade).

CACÁ FONSECA: Penso numa imbricação dos processos, tal como a atual pesquisa do Laboratório Urbano propõe – privatização do espaço público – e também poderíamos dizer de publicização do espaço privado. Nessa imbricação estariam fenômenos das redes sociais *reality shows*?

ICARO VILAÇA: A noção de esfera pública se encontra ligada a uma hegemonia, que é a esfera pública, em que reduzidas as suas possibilidades, a questão da descomplexificação e desaparecimento da alteridade no espaço público e podemos relacionar com a ideia de privatividade (grega) enquanto privação. A privação do outro – que configuraria a própria possibilidade do espaço

HANNAH ARENDT: Esta igualdade moderna, baseada no conformismo inerente à sociedade e que só é possível porque o comportamento substitui a ação como principal forma de relação humana, difere em todos os seus aspectos, da igualdade dos tempos antigos, e especialmente da igualdade da cidade-estado grega. Pertencer aos povos iguais (*homoioi*) significava a permissão de viver entre pares, mas a esfera pública em si, a *polis*, era permeada de um **espírito acirradamente agonístico**: cada homem tinha constantemente que se distinguir de todos os outros, demonstrar, através de feitos ou realizações singulares, que era o melhor de todos. Em outras palavras a esfera pública era reservada à individualidade; era o único lugar em que os homens podiam mostrar quem realmente e inconfundivelmente eram.

FABIANA BRITTO: Considero muito simplória a associação direta entre esfera pública e as redes, pois tal mecanismo de não acessar conteúdos não tem nenhuma correspondência com o embate entre discurso e escuta relatado por Arendt. Internet não é o espaço do debate, é um dispositivo de exposição. Entendo que **sem o debate não há esfera pública**.

HANNAH ARENDT: Ser visto e ouvido por outros é importante pelo fato de que todos vêm e ouvem de ângulos diferentes. É este o significado da vida pública, em comparação com a qual até mesmo a mais fecunda e satisfatória vida familiar pode oferecer somente o prolongamento ou a multiplicação de cada indivíduo, com os seus respectivos aspectos e perspectivas. A subjetividade da privatividade pode multiplicar-se e prolongar-se na família; pode até tornar forte que o seu peso é sempre na esfera pública; mas essa vida familiar jamais pode substituir a realidade resultante da total de aspectos apresentados por um objeto a uma multidão de espectadores. Somentem que as coisas podem ser vistas por muitas pessoas, num vasto de aspectos, sem mudar de sorte que os que estão voltando sabem que vêm o

CACÁ FONSECA: A experiência é a dimensão do corpo. Podemos considerar que qualquer corpo humano é passível de ter o mesmo tipo de experiência. O que compartilhamos é o fato de ter um tipo de experiência referenciada no tipo de corpo que temos.

FABIANA BRITTO: Considero muito simplória a associação direta entre esfera pública e as redes, pois tal mecanismo de não acessar conteúdos não tem nenhuma correspondência com o embate entre discurso e escuta relatado por Arendt. Internet não é o espaço do debate, é um dispositivo de exposição. Entendo que **sem o debate não há esfera pública**.

GIORGIO AGAMBEN: Todo discurso sobre a experiência deve partir atualmente da constatação de que ela não é mais algo que ainda nos seja dado fazer. Pois, assim como foi privado de sua biografia, o homem contemporâneo foi expropriado de sua experiência: aliás, a incapacidade de fazer e transmitir experiências talvez seja um dos poucos dados certos de

WASHINGTON DRUMMOND: não seja o objetivo, no caso que a experiência é valorizada no sentido de que é algo que é valorizado. É a valorização da experiência no sentido de que isso “não há”. Enquanto que o que é valorizado é o que é experimentado, é o que é colocado na totalidade; e, é o que é total. Somos buscando o que é que seja possível.

FERNANDO FERRAZ: No experimento de Arendt, a *polis* (e nós correspondemos a isso) é o espaço e aceitar o que é que é. Torna-se público. É o momento de repetir o experimento de Arendt, de refazer o que possamos.

ICARO VILAÇA: É fundamental entender esta questão, que é a posição que o sujeito. Na posição que o sujeito. Na posição que o sujeito.

HANNAH ARENDT: A palhina originariamente de ago com a expressão ta círculo e de que *orbis*. E a relação na que, originariamente, o *zum*, sign

FABIANA BRITTO: Talvez, mais do que uma preocupação de como tornar público a experiência, as nossas metodologias deveriam se

CACÁ FONSECA: A necessidade – por exemplo, subjugando os escravos – é para alcançar a liberdade. [...] A violência é o ato **pré-político** de libertar-se da necessidade da vida para conquistar a liberdade no mundo.

FERNANDO FERRAZ: Sugiro pensar a rede (internet) como um dispositivo técnico, que cria uma esfera oscilante, ora pública, ora privada, ora social (ou ainda da intimidade).

CACÁ FONSECA: Penso numa imbricação dos processos, tal como a atual pesquisa do Laboratório Urbano propõe – privatização do espaço público – e também poderíamos dizer de publicização do espaço privado. Nessa imbricação estariam fenômenos das redes sociais *reality shows*?

ICARO VILAÇA: A noção de esfera pública se encontra ligada a uma hegemonia, que é a esfera pública, em que reduzidas as suas possibilidades, a questão da descomplexificação e desaparecimento da alteridade no espaço público e podemos relacionar com a ideia de privatividade (grega) enquanto privação. A privação do outro – que configuraria a própria possibilidade do espaço

HANNAH ARENDT: Esta igualdade moderna, baseada no conformismo inerente à sociedade e que só é possível porque o comportamento substitui a ação como principal forma de relação humana, difere em todos os seus aspectos, da igualdade dos tempos antigos, e especialmente da igualdade da cidade-estado grega. Pertencer aos povos iguais (*homoioi*) significava a permissão de viver entre pares, mas a esfera pública em si, a *polis*, era permeada de um **espírito acirradamente agonístico**: cada homem tinha constantemente que se distinguir de todos os outros, demonstrar, através de feitos ou realizações singulares, que era o melhor de todos. Em outras palavras a esfera pública era reservada à individualidade; era o único lugar em que os homens podiam mostrar quem realmente e inconfundivelmente eram.

FABIANA BRITTO: Considero muito simplória a associação direta entre esfera pública e as redes, pois tal mecanismo de não acessar conteúdos não tem nenhuma correspondência com o embate entre discurso e escuta relatado por Arendt. Internet não é o espaço do debate, é um dispositivo de exposição. Entendo que **sem o debate não há esfera pública**.

GIORGIO AGAMBEN: Todo discurso sobre a experiência deve partir atualmente da constatação de que ela não é mais algo que ainda nos seja dado fazer. Pois, assim como foi privado de sua biografia, o homem contemporâneo foi expropriado de sua experiência: aliás, a incapacidade de fazer e transmitir experiências talvez seja um dos poucos dados certos de

WASHINGTON DRUMMOND: não seja o objetivo, no caso que a experiência é valorizada no sentido de que é algo que é valorizado. É a valorização da experiência no sentido de que isso “não há”. Enquanto que o que é valorizado é o que é experimentado, é o que é colocado na totalidade; e, é o que é total. Somos buscando o que é que seja possível.

FERNANDO FERRAZ: No experimento de Arendt, a *polis* (e nós correspondemos a isso) é o espaço e aceitar o que é que é. Torna-se público. É o momento de repetir o experimento de Arendt, de refazer o que possamos.

ICARO VILAÇA: É fundamental entender esta questão, que é a posição que o sujeito. Na posição que o sujeito. Na posição que o sujeito.

HANNAH ARENDT: A palhina originariamente de ago com a expressão ta círculo e de que *orbis*. E a relação na que, originariamente, o *zum*, sign

FABIANA BRITTO: Talvez, mais do que uma preocupação de como tornar público a experiência, as nossas metodologias deveriam se

CACÁ FONSECA: A necessidade – por exemplo, subjugando os escravos – é para alcançar a liberdade. [...] A violência é o ato **pré-político** de libertar-se da necessidade da vida para conquistar a liberdade no mundo.

FERNANDO FERRAZ: Sugiro pensar a rede (internet) como um dispositivo técnico, que cria uma esfera oscilante, ora pública, ora privada, ora social (ou ainda da intimidade).

CACÁ FONSECA: Penso numa imbricação dos processos, tal como a atual pesquisa do Laboratório Urbano propõe – privatização do espaço público – e também poderíamos dizer de publicização do espaço privado. Nessa imbricação estariam fenômenos das redes sociais *reality shows*?

ICARO VILAÇA: A noção de esfera pública se encontra ligada a uma hegemonia, que é a esfera pública, em que reduzidas as suas possibilidades, a questão da descomplexificação e desaparecimento da alteridade no espaço público e podemos relacionar com a ideia de privatividade (grega) enquanto privação. A privação do outro – que configuraria a própria possibilidade do espaço

HANNAH ARENDT: Esta igualdade moderna, baseada no conformismo inerente à sociedade e que só é possível porque o comportamento substitui a ação como principal forma de relação humana, difere em todos os seus aspectos, da igualdade dos tempos antigos, e especialmente da igualdade da cidade-estado grega. Pertencer aos povos iguais (*homoioi*) significava a permissão de viver entre pares, mas a esfera pública em si, a *polis*, era permeada de um **espírito acirradamente agonístico**: cada homem tinha constantemente que se distinguir de todos os outros, demonstrar, através de feitos ou realizações singulares, que era o melhor de todos. Em outras palavras a esfera pública era reservada à individualidade; era o único lugar em que os homens podiam mostrar quem realmente e inconfundivelmente eram.

FABIANA BRITTO: Considero muito simplória a associação direta entre esfera pública e as redes, pois tal mecanismo de não acessar conteúdos não tem nenhuma correspondência com o embate entre discurso e escuta relatado por Arendt. Internet não é o espaço do debate, é um dispositivo de exposição. Entendo que **sem o debate não há esfera pública**.

GIORGIO AGAMBEN: Todo discurso sobre a experiência deve partir atualmente da constatação de que ela não é mais algo que ainda nos seja dado fazer. Pois, assim como foi privado de sua biografia, o homem contemporâneo foi expropriado de sua experiência: aliás, a incapacidade de fazer e transmitir experiências talvez seja um dos poucos dados certos de

WASHINGTON DRUMMOND: não seja o objetivo, no caso que a experiência é valorizada no sentido de que é algo que é valorizado. É a valorização da experiência no sentido de que isso “não há”. Enquanto que o que é valorizado é o que é experimentado, é o que é colocado na totalidade; e, é o que é total. Somos buscando o que é que seja possível.

FERNANDO FERRAZ: No experimento de Arendt, a *polis* (e nós correspondemos a isso) é o espaço e aceitar o que é que é. Torna-se público. É o momento de repetir o experimento de Arendt, de refazer o que possamos.

ICARO VILAÇA: É fundamental entender esta questão, que é a posição que o sujeito. Na posição que o sujeito. Na posição que o sujeito.

HANNAH ARENDT: A palhina originariamente de ago com a expressão ta círculo e de que *orbis*. E a relação na que, originariamente, o *zum*, sign

FABIANA BRITTO: Talvez, mais do que uma preocupação de como tornar público a experiência, as nossas metodologias deveriam se

CACÁ FONSECA: A necessidade – por exemplo, subjugando os escravos – é para alcançar a liberdade. [...] A violência é o ato **pré-político** de libertar-se da necessidade da vida para conquistar a liberdade no mundo.

FERNANDO FERRAZ: Sugiro pensar a rede (internet) como um dispositivo técnico, que cria uma esfera oscilante, ora pública, ora privada, ora social (ou ainda da intimidade).

CACÁ FONSECA: Penso numa imbricação dos processos, tal como a atual pesquisa do Laboratório Urbano propõe – privatização do espaço público – e também poderíamos dizer de publicização do espaço privado. Nessa imbricação estariam fenômenos das redes sociais *reality shows*?

ICARO VILAÇA: A noção de esfera pública se encontra ligada a uma hegemonia, que é a esfera pública, em que reduzidas as suas possibilidades, a questão da descomplexificação e desaparecimento da alteridade no espaço público e podemos relacionar com a ideia de privatividade (grega) enquanto privação. A privação do outro – que configuraria a própria possibilidade do espaço

HANNAH ARENDT: Esta igualdade moderna, baseada no conformismo inerente à sociedade e que só é possível porque o comportamento substitui a ação como principal forma de relação humana, difere em todos os seus aspectos, da igualdade dos tempos antigos, e especialmente da igualdade da cidade-estado grega. Pertencer aos povos iguais (*homoioi*) significava a permissão de viver entre pares, mas a esfera pública em si, a *polis*, era permeada de um **espírito acirradamente agonístico**: cada homem tinha constantemente que se distinguir de todos os outros, demonstrar, através de feitos ou realizações singulares, que era o melhor de todos. Em outras palavras a esfera pública era reservada à individualidade; era o único lugar em que os homens podiam mostrar quem realmente e inconfundivelmente eram.

FABIANA BRITTO: Considero muito simplória a associação direta entre esfera pública e as redes, pois tal mecanismo de não acessar conteúdos não tem nenhuma correspondência com o embate entre discurso e escuta relatado por Arendt. Internet não é o espaço do debate, é um dispositivo de exposição. Entendo que **sem o debate não há esfera pública**.

GIORGIO AGAMBEN: Todo discurso sobre a experiência deve partir atualmente da constatação de que ela não é mais algo que ainda nos seja dado fazer. Pois, assim como foi privado de sua biografia, o homem contemporâneo foi expropriado de sua experiência: aliás, a incapacidade de fazer e transmitir experiências talvez seja um dos poucos dados certos de

WASHINGTON DRUMMOND: não seja o objetivo, no caso que a experiência é valorizada no sentido de que é algo que é valorizado. É a valorização da experiência no sentido de que isso “não há”. Enquanto que o que é valorizado é o que é experimentado, é o que é colocado na totalidade; e, é o que é total. Somos buscando o que é que seja possível.

FERNANDO FERRAZ: No experimento de Arendt, a *polis* (e nós correspondemos a isso) é o espaço e aceitar o que é que é. Torna-se público. É o momento de repetir o experimento de Arendt, de refazer o que possamos.

ICARO VILAÇA: É fundamental entender esta questão, que é a posição que o sujeito. Na posição que o sujeito. Na posição que o sujeito.

HANNAH ARENDT: A palhina originariamente de ago com a expressão ta círculo e de que *orbis*. E a relação na que, originariamente, o *zum*, sign

FABIANA BRITTO: Talvez, mais do que uma preocupação de como tornar público a experiência, as nossas metodologias deveriam se

CACÁ FONSECA: A necessidade – por exemplo, subjugando os escravos – é para alcançar a liberdade. [...] A violência é o ato **pré-político** de libertar-se da necessidade da vida para conquistar a liberdade no mundo.

FERNANDO FERRAZ: Sugiro pensar a rede (internet) como um dispositivo técnico, que cria uma esfera oscilante, ora pública, ora privada, ora social (ou ainda da intimidade).

CACÁ FONSECA: Penso numa imbricação dos processos, tal como a atual pesquisa do Laboratório Urbano propõe – privatização do espaço público – e também poderíamos dizer de publicização do espaço privado. Nessa imbricação estariam fenômenos das redes sociais *reality shows*?

ICARO VILAÇA: A noção de esfera pública se encontra ligada a uma hegemonia, que é a esfera pública, em que reduzidas as suas possibilidades, a questão da descomplexificação e desaparecimento da alteridade no espaço público e podemos relacionar com a ideia de privatividade (grega) enquanto privação. A privação do outro – que configuraria a própria possibilidade do espaço

HANNAH ARENDT: Esta igualdade moderna, baseada no conformismo inerente à sociedade e que só é possível porque o comportamento substitui a ação como principal forma de relação humana, difere em todos os seus aspectos, da igualdade dos tempos antigos, e especialmente da igualdade da cidade-estado grega. Pertencer aos povos iguais (*homoioi*) significava a permissão de viver entre pares, mas a esfera pública em si, a *polis*, era permeada de um **espírito acirradamente agonístico**: cada homem tinha constantemente que se distinguir de todos os outros, demonstrar, através de feitos ou realizações singulares, que era o melhor de todos. Em outras palavras a esfera pública era reservada à individualidade; era o único lugar em que os homens podiam mostrar quem realmente e inconfundivelmente eram.

FABIANA BRITTO: Considero muito simplória a associação direta entre esfera pública e as redes, pois tal mecanismo de não acessar conteúdos não tem nenhuma correspondência com o embate entre discurso e escuta relatado por Arendt. Internet não é o espaço do debate, é um dispositivo de exposição. Entendo que **sem o debate não há esfera pública**.

GIORGIO AGAMBEN: Todo discurso sobre a experiência deve partir atualmente da constatação de que ela não é mais algo que ainda nos seja dado fazer. Pois, assim como foi privado de sua biografia, o homem contemporâneo foi expropriado de sua experiência: aliás, a incapacidade de fazer e transmitir experiências talvez seja um dos poucos dados certos de

WASHINGTON DRUMMOND: não seja o objetivo, no caso que a experiência é valorizada no sentido de que é algo que é valorizado. É a valorização da experiência no sentido de que isso “não há”. Enquanto que o que é valorizado é o que é experimentado, é o que é colocado na totalidade; e, é o que é total. Somos buscando o que é que seja possível.

FERNANDO FERRAZ: No experimento de Arendt, a *polis* (e nós correspondemos a isso) é o espaço e aceitar o que é que é. Torna-se público. É o momento de repetir o experimento de Arendt, de refazer o que possamos.

ICARO VILAÇA: É fundamental entender esta questão, que é a posição que o sujeito. Na posição que o sujeito. Na posição que o sujeito.

HANNAH ARENDT: A palhina originariamente de ago com a expressão ta círculo e de que *orbis*. E a relação na que, originariamente, o *zum*, sign

FABIANA BRITTO: Talvez, mais do que uma preocupação de como tornar público a experiência, as nossas metodologias deveriam se

CACÁ FONSECA: A necessidade – por exemplo, subjugando os escravos – é para alcançar a liberdade. [...] A violência é o ato **pré-político** de libertar-se da necessidade da vida para conquistar a liberdade no mundo.

FERNANDO FERRAZ: Sugiro pensar a rede (internet) como um dispositivo técnico, que cria uma esfera oscilante, ora pública, ora privada, ora social (ou ainda da intimidade).

CACÁ FONSECA: Penso numa imbricação dos processos, tal como a atual pesquisa do Laboratório Urbano propõe – privatização do espaço público – e também poderíamos dizer de publicização do espaço privado. Nessa imbricação estariam fenômenos das redes sociais *reality shows*?

ICARO VILAÇA: A noção de esfera pública se encontra ligada a uma hegemonia, que é a esfera pública, em que reduzidas as suas possibilidades, a questão da descomplexificação e desaparecimento da alteridade no espaço público e podemos relacionar com a ideia de privatividade (grega) enquanto privação. A privação do outro – que configuraria a própria possibilidade do espaço

HANNAH ARENDT: Esta igualdade moderna, baseada no conformismo inerente à sociedade e que só é possível porque o comportamento substitui a ação como principal forma de relação humana, difere em todos os seus aspectos, da igualdade dos tempos antigos, e especialmente da igualdade da cidade-estado grega. Pertencer aos povos iguais (*homoioi*) significava a permissão de viver entre pares, mas a esfera pública em si, a *polis*, era permeada de um **espírito acirradamente agonístico**: cada homem tinha constantemente que se distinguir de todos os outros, demonstrar, através de feitos ou realizações singulares, que era o melhor de todos. Em outras palavras a esfera pública era reservada à individualidade; era o único lugar em que os homens podiam mostrar quem realmente e inconfundivelmente eram.

FABIANA BRITTO: Considero muito simplória a associação direta entre esfera pública e as redes, pois tal mecanismo de não acessar conteúdos não tem nenhuma correspondência com o embate entre discurso e escuta relatado por Arendt. Internet não é o espaço do debate, é um dispositivo de exposição. Entendo que **sem o debate não há esfera pública**.

GIORGIO AGAMBEN: Todo discurso sobre a experiência deve partir atualmente da constatação de que ela não é mais algo que ainda nos seja dado fazer. Pois, assim como foi privado de sua biografia, o homem contemporâneo foi expropriado de sua experiência: aliás, a incapacidade de fazer e transmitir experiências talvez seja um dos poucos dados certos de

WASHINGTON DRUMMOND: não seja o objetivo, no caso que a experiência é valorizada no sentido de que é algo que é valorizado. É a valorização da experiência no sentido de que isso “não há”. Enquanto que o que é valorizado é o que é experimentado, é o que é colocado na totalidade; e, é o que é total. Somos buscando o que é que seja possível.

FERNANDO FERRAZ: No experimento de Arendt, a *polis* (e nós correspondemos a isso) é o espaço e aceitar o que é que é. Torna-se público. É o momento de repetir o experimento de Arendt, de refazer o que possamos.

ICARO VILAÇA: É fundamental entender esta questão, que é a posição que o sujeito. Na posição que o sujeito. Na posição que o sujeito.

HANNAH ARENDT: A palhina originariamente de ago com a expressão ta círculo e de que *orbis*. E a relação na que, originariamente, o *zum*, sign

FABIANA BRITTO: Talvez, mais do que uma preocupação de como tornar público a experiência, as nossas metodologias deveriam se

CACÁ FONSECA: A necessidade – por exemplo, subjugando os escravos – é para alcançar a liberdade. [...] A violência é o ato **pré-político** de libertar-se da necessidade da vida para conquistar a liberdade no mundo.

FERNANDO FERRAZ: Sugiro pensar a rede (internet) como um dispositivo técnico, que cria uma esfera oscilante, ora pública, ora privada, ora social (ou ainda da intimidade).

CACÁ FONSECA: Penso numa imbricação dos processos, tal como a atual pesquisa do Laboratório Urbano propõe – privatização do espaço público – e também poderíamos dizer de publicização do espaço privado. Nessa imbricação estariam fenômenos das redes sociais *reality shows*?

ICARO VILAÇA: A noção de esfera pública se encontra ligada a uma hegemonia, que é a esfera pública, em que reduzidas as suas possibilidades, a questão da descomplexificação e desaparecimento da alteridade no espaço público e podemos relacionar com a ideia de privatividade (grega) enquanto privação. A privação do outro – que configuraria a própria possibilidade do espaço

HANNAH ARENDT: Esta igualdade moderna, baseada no conformismo inerente à sociedade e que só é possível porque o comportamento substitui a ação como principal forma de relação humana, difere em todos os seus aspectos, da igualdade dos tempos antigos, e especialmente da igualdade da cidade-estado grega. Pertencer aos povos iguais (*homoioi*) significava a permissão de viver entre pares, mas a esfera pública em si, a *polis*, era permeada de um **espírito acirradamente agonístico**: cada homem tinha constantemente que se distinguir de todos os outros, demonstrar, através de feitos ou realizações singulares, que era o melhor de todos. Em outras palavras a esfera pública era reservada à individualidade; era o único lugar em que os homens podiam mostrar quem realmente e inconfundivelmente eram.

FABIANA BRITTO: Considero muito simplória a associação direta entre esfera pública e as redes, pois tal mecanismo de não acessar conteúdos não tem nenhuma correspondência com o embate entre discurso e escuta relatado por Arendt. Internet não é o espaço do debate, é um dispositivo de exposição. Entendo que **sem o debate não há esfera pública**.

GIORGIO AGAMBEN: Todo discurso sobre a experiência deve partir atualmente da constatação de que ela não é mais algo que ainda nos seja dado fazer. Pois, assim como foi privado de sua biografia, o homem contemporâneo foi expropriado de sua experiência: aliás, a incapacidade de fazer e transmitir experiências talvez seja um dos poucos dados certos de

WASHINGTON DRUMMOND: não seja o objetivo, no caso que a experiência é valorizada no sentido de que é algo que é valorizado. É a valorização da experiência no sentido de que isso “não há”. Enquanto que o que é valorizado é o que é experimentado, é o que é colocado na totalidade; e, é o que é total. Somos buscando o que é que seja possível.

FERNANDO FERRAZ: No experimento de Arendt, a *polis* (e nós correspondemos a isso) é o espaço e aceitar o que é que é. Torna-se público. É o momento de repetir o experimento de Arendt, de refazer o que possamos.

ICARO VILAÇA: É fundamental entender esta questão, que é a posição que o sujeito. Na posição que o sujeito. Na posição que o sujeito.

HANNAH ARENDT: A palhina originariamente de ago com a expressão ta círculo e de que *orbis*. E a relação na que, originariamente, o *zum*, sign

FABIANA BRITTO: Talvez, mais do que uma preocupação de como tornar público a experiência, as nossas metodologias deveriam se

CACÁ FONSECA: A necessidade – por exemplo, subjugando os escravos – é para alcançar a liberdade. [...] A violência é o ato **pré-político** de libertar-se da necessidade da vida para conquistar a liberdade no mundo.

FERNANDO FERRAZ: Sugiro pensar a rede (internet) como um dispositivo técnico, que cria uma esfera oscilante, ora pública, ora privada, ora social (ou ainda da intimidade).

CACÁ FONSECA: Penso numa imbricação dos processos, tal como a atual pesquisa do Laboratório Urbano propõe – privatização do espaço público – e também poderíamos dizer de publicização do espaço privado. Nessa imbricação estariam fenômenos das redes sociais *reality shows*?

ICARO VILAÇA: A noção de esfera pública se encontra ligada

